

190

Alto Solimões (I)

Índio ensina a viver sem agitação das cidades

TIBÉRIO VARGAS RAMOS  
Textos e fotos

*Sem a pressão da sociedade de consumo, os índios caçam, pescam e plantam apenas para garantir a alimentação. O resto do tempo eles aproveitam para viver. Nada de correrem de um lado para o outro, na loucura do trânsito, do trabalho e dos problemas da cidade. Sem televisão, os índios gastam boa parte do tempo se balançando nas redes, a contemplar a beleza do rio e da mata.*

Restam 20 mil índios nos 14 milhões de hectares do Alto Solimões, Amazonas. Quinze mil já se integraram com os brancos. São os Tikunas, que vivem na beira dos rios. Andam vestidos, caçam, pescam, plantam e se balançam em redes, na hora de um sol de 40 graus — como todo o habitante da região. A maioria fala português e muitos já sabem ler e escrever. Alguns são até professores rurais.

Numa união de pobreza e situação climática, os Tikunas moram em pequenas malocas, cobertas com folhas secas e com apenas uma parede móvel. Colocam-na para defender-se do sol e da chuva — frequentes e fortes na região. São, assim, habitações muito ventiladas, apropriadas para o calor. Não há móveis. Apenas um fogão de chão e redes para seus moradores.

**Redes**

Quando as pessoas vêem um índio se balançando numa rede, em plena luz do dia, julgam muitas vezes que eles são preguiçosos.

Sos. Serão mesmo? Ou somos nós que nos agitamos demais nas cidades e não paramos para viver? Sem a pressão da sociedade de consumo, os índios não passam o dia correndo de um lado para o outro. Trabalham somente o estritamente necessário.

Com um sol de 40 graus, os índios "não se matam". É verdade. Mesmo porque eles não possuem ar condicionado. Mas são capazes de levantar de madrugada, antes de clarear o dia, para pescar ou trabalhar na roça (invariavelmente de mandioca e milho). Com as plantas crescendo e tendo peixe e farinha para a comida, os Tikunas se balançam na rede a maior parte do dia. Para matar o tempo, gostam, também, de beber uma cachaça.

Os Tikunas já se valem de muitas conquistas da civilização. Já colocaram motor de popa nas canoas. Não pescam mais com flechas, mas com Anzol, rede e tarrafa.

**Religião**

O paranóico "Zé da Cruz", de Iquitos, Peru, en-

trou no Brasil em 1973 e em pouco tempo conseguiu converter para a sua religião todos os índios Tikunas. Com um sermão em que misturava português e espanhol, anunciando o fim do mundo e curando doenças (por casualidade, auto-sugestão, do enfermo ou, quem sabe, milagre), "Zé da Cruz" peregrinou pelo Alto Solimões, convertendo índios e caboclos e levantando templos. Ensinau, principalmente, o temor a Deus e o respeito à hierarquia na organização da sociedade. Nas tribos, o cacique virou chefe e o pájé, "diretor da cruz" (chefe espiritual). Há ainda missionários, de camisolão longo. Para manter a ordem, "Zé da Cruz" instituiu guardas com cassetetes.

Em 24 de junho deste ano, o missionário morreu com feridas pelo corpo, provocadas pela falta de higiene. Seu substituto é Valter Neves, descendente de Tikunas e peruanos. As outras religiões existentes na área (católica e vários ramos do protestantismo) apostaram no fim da "Igreja da Cruz", com a morte de seu pastor.

**Funai**

Para controlar os silvicultores do Alto Solimões, a Fundação Nacional do Índio (FUNAI), possui uma coordenadoria na pequena cidade de Atalaia do Norte, quatro barcos para locomoção e 13 postos fixos nas tribos, onde fica um funcionário, com um rádio, para qualquer emergência. Só este ano, os índios já mataram dois guardas da FUNAI.

O massacre dos dois funcionários da Funai ocorreu em 20 de julho. Eles estavam pescando em terras dos Korugos (uma das nove tribos ainda selvagens da região) e foram mortos a golpes de tacape e flechadas, sendo depois queimados. O duplo homicídio causou grande revolta entre os familiares das vítimas, residentes em Atalaia do Norte. Os corpos acabaram sendo resgatados, mas somente foram chegar na cidade três dias depois, quando os parentes já tinham ameaçado várias vezes incendiar a sede da Funai, sendo contidos por um comando do Exército.



Tikunas moram em casas de madeira muito ventiladas

Cinco mil fogem da civilização

Cinco mil índios da região entraram em adentro, no Alto Solimões, Amazonas, fugindo da chamada civilização. Ainda selvagens, em estado primitivo andam nus e gostam muito de guerrear — entre eles e com os brancos. Aos poucos, a Fundação Nacional do Índio (Funai) busca contatar com estes grupos, com auxílio de professores e alunos que atuam no campus avançado da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, na região. Atualmente, estão sendo mantidos contatos periódicos com a matriarcal tribo Matis, que antes morava no meio da floresta e que foi transferida, pela própria Funai, para uma bela região, às margens do rio Utui, onde há belíssimas borboletas e terríveis mosquitos.

**Dizimados**

Seis anos atrás, quando os brancos conseguiram se aproximar dos Matis, sem serem mortos, a tribo era formada por 200 pessoas. Sem tratamento adequado e, notadamente, anticorpos, os índios foram morrendo por complicações paralelas provenientes da doença — principalmente pneumonia.

Hoje, são apenas 87. Para acompanhá-los com mais facilidade, a Funai os transferiu do meio da mata para a beira do rio. Com a

pele mais clara e menos curtidada pelo sol por morarem em densa floresta, eles estão sofrendo terrivelmente com os mosquitos: "Os Matis coçam as picadas e elas viram feridas", observou a estudante de Medicina da PUC, Márcia Silveira Graudery, que passou mais de 10 dias na tribo.

A taba Matis é formada por 10 ou 12 ocas construídas com palha. Todos se pintam com genipapo e ainda usam colares e brincos de madrepérola. Os homens ainda costumam fazer buracos no nariz e nas faces, perto dos lábios, onde enfiavam enfeites constituídos por pedaços de madeira. Quanto mais pedaços de madeira enfiado no rosto, mais valente é o índio.

**Matriarcal**

Ao contrário das outras tribos, o sistema comunitário dos Matis é o matriarcal. Quem manda é a mulher. A própria cacique é uma mulher, que está muito velha, mas não morreu de gripe e vem preparando uma neta para substituí-la.

Cada índia pode ter dois maridos e geralmente ainda tem um filho com um terceiro. Com relação aos filhos, há um cruel controle de natalidade. É a mãe que corta o cordão umbel-

ical e na hora de fazê-lo, poderá matá-lo, asfixiado, se assim o desejar. Quando uma índia ganha gêmeos, ela sempre mata um deles, naturalmente. Mesmo porque, costumam amamentar os filhos até os dois anos e mais de um seria difícil.

**O amor**

Entre os Matis há o amor, o carinho, mas não o "love story", como em nossa civilização. Ninguém se fixa no outro. O relacionamento sexual, por exemplo, é visto como algo absolutamente normal e indispensável. Se uma índia perde os dois maridos, por exemplo, uma outra empresta um dos seus. Daí uma das vantagens de terem sempre dois.

Quando um funcionário da Funai ou um estagiário do campus avançado da PUC chega sozinho num acampamento índio (vale não só para os Matis), eles sempre propõem emprestar um parceiro. Os índios não admitem um homem ou uma mulher viverem sozinhos. Muito jovens eles já têm as primeiras experiências sexuais. Aliás, os índios não possuem crises de adolescência. Eles vão queimando todas as etapas normalmente. Na adolescência, já acompanham os pais em todas as atividades.

Contrariando o que muita gente pode pensar, os selvagens primitivos são até muito criativos em seus relacionamentos sexuais. Mas entre eles não existe prostituição, homossexualismo e lesbianismo. Um parentese: muito menos ladões.

**Alimentação**

Assim como as demais tribos ainda selvagens existentes no Alto Solimões, os Matis se alimentam de caça, pesca e frutas. Caçam antas, porcos do mato, macacos e aves; pescam ainda com flechas tambaqui, curimatã, matrinchão, branquinha, acarauaçu, acara, pirarucu e dourado; adoram abiu, banana, pupunha, acai, ingá e buruti. "Buruti é uma fruta oval e bastante rígida que de tanto eles comerem gastam os dentes", notou a odontóloga Ângela Venturella Alves, formada pela PUC, que também esteve em outubro trabalhando entre os Matis.

Ao morrer qualquer membro da família, os Matis costumam enterrá-lo no chão da oca. Quando falece o índio dono daquela oca, ele também é enterrado no chão e a habitação queimada. Toda a tribo chora, obedecendo a um ritual. Depois, a mulher sai com os filhos para ir morar com um outro marido.

Igara Catuçaua, barco da salvação

Em convênio com o Projeto Rondon e o INAMPS, o campus avançado da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul mantém um barco o "Igara Catuçaua" ("Barco da Salvação", em tupi-guarani), permanentemente navegando ao longo dos rios do Alto Solimões. O "Igara" se constitui no único tipo de atendimento médico e odontológico recebido pelos caboclos e índios da região.

"Somente o trabalho do Igara justifica a nossa presença na Amazônia. Mais do que um trabalho comunitário, social, é um trabalho de igreja, pastoral, dentro do que recomenda o Concílio Vaticano II, Puebla e Medellín", comenta, reconfortado, o irmão Lourenço Steyn, coordenador do campus avançado da PUC.

**O "Igara"**

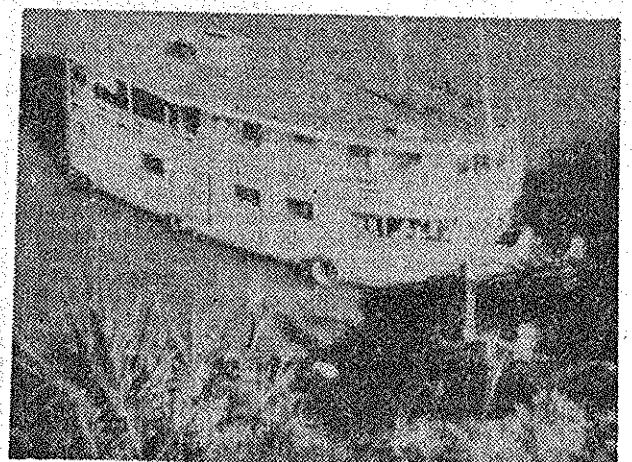
Com 18 metros de comprimento e quatro metros e 80 centímetros de largura, o "Igara" possui dois gabinetes dentários (um dos quais doados pela APLUB), um consultório médico, um ambulatório e alojamento para 10 pessoas.

Partindo de Benjamin Constant, bem na fronteira do Peru com a Colômbia, e percorrendo os rios Javari (até o povoado Estirão do Equador) e o Solimões (até a foz do rio Jutai), o "Igara Catuçaua" desenvolve quatro programas básicos: 1) imunização (há anos não se registram epidemias na região); 2) serviço médico preventivo e curativo; 3) atendimento odontológico; 4) ambulatório.

Os professores e alunos da PUC aproveitam para dar palestras aos caboclos e índios da região, ensinam-

do normas de saúde. Este trabalho vem sendo realizado há dez anos atingindo as cidades de Benjamin Constant, Atalaia do Norte, São Paulo de Olivença e

Santo Antônio do Iça. Com exceção de Benjamin, todas as cidades são extremamente pequenas e sem outro recurso médico que não seja o itinerante Igara".



Assistência às populações ribeirinhas